

# A ENCENAÇÃO DA ETNOGRAFIA EM OS PAPÉIS DO INGLÊS E NOVE NOITES: ENTRE A NEGAÇÃO E O BOICOTE

## THE DEPICTING OF THE ETHNOGRAPHY IN OS PAPÉIS DO INGLÊS AND NOVE NOITES: BETWEEN DENIAL AND BOYCOTT

*Juliana Campos Alvernaz<sup>1</sup>*

*Anita Martins Rodrigues de Moraes<sup>2</sup>*

---

### RESUMO

Pretende-se, no presente artigo, o estudo de traços do discurso etnográfico nas obras *Os papéis do inglês*, do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho, e *Nove noites*, do brasileiro Bernardo Carvalho. Tendo em conta as interferências e contiguidades entre literatura e antropologia, investigamos a configuração da escrita etnográfica no campo literário notando que, ao mesmo tempo que a etnografia surge nas obras de Bernardo Carvalho e Ruy Duarte de Carvalho, é, paradoxalmente, negada ou boicotada. A partir disso, pensaremos na representação do “outro” – considerado o não ocidental, no caso de *Os papéis do inglês*, os pastores Kuvale, e, no caso de *Nove noites*, os índios Krahô – nas narrativas. Dessa forma, analisaremos de que modo se dá e qual é o efeito do olhar etnográfico na construção dos romances escolhidos, bem como as tensões entre o sujeito narrador e o “Outro”.

PALAVRAS-CHAVE: etnografia, literatura, Ruy Duarte de Carvalho, Bernardo Carvalho

## ABSTRACT

In this article, we intend to reflect about ethnography in the works *Os papéis do inglês*, by Angolan writer Ruy Duarte de Carvalho and *Nove noites*, by Brazilian Bernardo Carvalho. Considering the “interferences and contiguities” between literature and anthropology, we investigate the configuration of ethnographic writing in the literary field, noting that at the same time that ethnography appears in the novel of Bernardo Carvalho and Ruy Duarte de Carvalho, it is paradoxically denied or boycotted. From this, we will think about the representation of the “other” – considered the non-Western, in the case of *Os papéis do inglês*, the Kuvale pastors, and, in the case of *Nove noites*, the Krahô Indians – in the narratives. Therefore, we will analyze how the ethnographic works and its effects on the novels’ narrative, as well as the tensions between the narrator and the “Other”.

KEYWORDS: ethnography, literature, Ruy Duarte de Carvalho; Bernardo Carvalho.

Ao buscar a Angola localizada no sul e no interior, ele [Ruy Duarte de Carvalho] procura inverter a perspectiva dominante, abalar uma hegemonia que afronta o próprio projeto nacional em nome do qual se lutou e se escreveu tanto. [...] O diálogo da literatura, às vezes em dissonância, com a antropologia converte-se em uma maneira de romper limites e investir no inesperado. (CHAVES, 2012, p. 146)

O avizinhamo da antropologia com a literatura pode ainda causar certo incômodo. Entretanto, a partir da publicação de *Writing culture* em 1986, livro organizado por James Clifford e George E. Marcus, tal aproximação se tornou inescapável, apontando para uma perspectiva interdisciplinar de estudos. Os textos que compõem esse livro assumem um entrelaçamento entre gêneros acadêmicos/científicos e literários, partindo do pressuposto de que a “etnografia está sempre enredada na invenção, e não na representação das culturas (WAGNER, 1975)” (CLIFFORD, 2016, p. 32-33). Em *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX*, publicado em 1998, James Clifford sinaliza:

As fronteiras da arte e da ciência (especialmente as ciências humanas) são ideológicas e mutáveis, e a própria história intelectual está envolvida nestas mudanças. Seus gêneros não permanecem firmemente ancorados. Definições mutáveis de arte ou ciência devem provocar novas unidades retrospectivas, novos tipos ideais para a descrição histórica. (CLIFFORD, 2014, p. 122-123)

A partir dessa ideia de fronteiras cambiáveis entre literatura e antropologia, bem como de suas mútuas interferências, objetiva-se refletir

sobre a porosidade da fronteira entre antropologia e literatura nas obras *Os papéis do inglês* (2000), do escritor angolano Ruy Duarte de Carvalho, e *Nove noites* (2002), do brasileiro Bernardo Carvalho. O primeiro romance tem como fio condutor a busca do autor-narrador por papéis que poderiam elucidar o motivo do suicídio de um caçador de elefantes inglês chamado Sr. Perkins, ocorrido em 1923, às margens do rio Kwando. Esta história é resgatada da crônica “O branco que odiava as brancas” (1929), de Henrique Galvão, sendo que o autor-narrador de *Os papéis do inglês* se propõe justamente a remontar a história de Perkins. Em sua versão, este passa a se chamar Archibald Perkins e a ser um antropólogo, inscrito no contexto da formação da antropologia social inglesa nas primeiras décadas do século XX. O romance de Bernardo Carvalho, de forma similar, traz um protagonista antropólogo que se suicida em território indígena no Tocantins, área dos índios Krahô, em 1939. Trata-se da busca do autor-narrador pela reconstrução da história de Buell Quain, etnólogo americano que veio para o Brasil estudar sociedades indígenas – inicialmente, os Karajás (CARVALHO, B., 2006, p.14).

A expressividade do “eu”, considerando uma possível associação entre autor e narrador nos romances de Ruy Duarte de Carvalho e Bernardo Carvalho, está em constante conexão com a interpretação do “outro”, pois, ao mesmo tempo que o sujeito se vê em relação ao outro, ele se reflete e se redescobre. Nas palavras de Diana Klinger (2012, p. 94), “a escrita sobre o outro só será possível se ao mesmo tempo se põe em dúvida o sujeito mesmo dessa escrita”, movimento presente, de certa forma, no próprio fazer etnográfico, em que a experiência do etnógrafo<sup>3</sup> se mostra como fator significativo no estudo de campo. Sendo assim, será relevante para nossa análise refletir sobre os procedimentos literários percebidos na esfera da antropologia, visto que as vozes narrativas nos romances se aproximam tanto da autobiografia quanto da etnografia. Klinger chama essa voz de “narrador-etnográfico”, o qual expressa sua experiência subjetiva em relação ao “outro”, levando ao texto ficcional traços de uma hibridação entre autobiografia e etnografia.

Os narradores-etnográficos de *Nove noites* e *Os papéis do inglês* admitem posições distintas diante das sociedades não ocidentais representadas nas narrativas – no caso de *Os papéis do inglês*, os pastores Kuvale; no caso de *Nove noites*, os índios Trumai e Krahô. Por meio de uma encenação do trabalho do etnógrafo, o romance de Bernardo Carvalho parece apontar para o caráter conflituoso da relação “etnógrafo-objeto”, mostrando a aversão e o incômodo do etnógrafo em meio à sociedade desconhecida, alheia aos paradigmas ocidentais. Em *Nove noites*, apreende-se não a descrição do “outro”, mas a descrição das vivências do personagem e do autor-narrador com os índios enquanto experiências, principalmente, de desconforto e de tensão. Acreditamos que há uma abordagem dos indígenas Krahô como uma forma de estranhamento cultural, como vemos na seguinte passagem do narrador observando um ritual indígena:

Nós dançávamos em torno da fogueira de mãos dadas. Os índios cantavam. Eu esperava pelo pior. De repente a roda parou e a cantoria também. Algumas mulheres com baldes e garrafas de água nas mãos se aproximaram, escolheram alguns homens e os levaram para o centro da roda, perto do fogo, onde eles abaixaram a cabeça, como numa reverência, e elas lhes despejaram os baldes e as garrafas, rindo a valer. Foi quando eu entendi o ritual, embora continuasse sem compreender a sua razão. As mulheres jogavam água nos homens a que estavam ligadas por laços de parentesco simbólico, classificatório, com os quais não podiam manter relações sexuais. [...]. Quando veio a nova parada, uma das mulheres me puxou para perto do fogo, enquanto outras puxavam outros homens, e despejou um balde de água na minha cabeça. A febre passou, a cabeça parou de doer. Se era só isso, ótimo. A proximidade do fogo diminuía o frio e ajudava a secar. [...]. Estava aliviado, achei que tudo acabava ali, e já estava pronto para voltar para casa, quando o cantor me puxou de volta para o fogo. Uma nova cerimônia ia começar. O pavor voltou, e a fantasia de que em algum momento, quando eu estivesse mais distraído, quando menos esperasse, todos pulariam em cima de mim. (CARVALHO, B., 2006, p. 94)

Tal trecho apresenta o incômodo do autor-narrador em participar de uma cerimônia Krahô. Ele permanece em um estado de desconforto que transita entre tensão e alívio: tensão por estar com medo do que os índios poderiam fazer com ele, como se torna evidente no final da citação; e alívio quando parece que a cerimônia chega ao fim. Em seguida, o narrador se depara ainda com a troça que as índias faziam dele, chamando-o de frouxo por não querer se batizar (CARVALHO, B., 2006, p. 95).

Em *Nove noites*, o conflito com os índios perpassa tanto a experiência do etnólogo, Buell Quain, quanto a do narrador jornalista que, mesmo não sendo antropólogo, vivencia uma experiência de cunho etnográfico ao visitar a aldeia Krahô e escrever sobre essa experiência. Depois de expor as primeiras impressões do etnólogo sobre os índios, escritas em uma carta destinada à antropóloga Ruth Benedict – em que Quain afirmava que os Trumai são “chatos e sujos” e “as pessoas mais feias do Coliseu” (CARVALHO, B., 2006, p. 48) –, o narrador traz ao cenário um conflito do etnólogo com uma criança e com as mulheres:

A violência física não era permitida na aldeia, sobretudo contra as crianças, e Quain por duas vezes quase desencadeou uma comoção social ao bater na mão de um menino que lhe roubava farinha e ao pisar sem querer no pé do outro. Os conflitos, em geral ligados ao sexo e ao adultério, ou eram substituídos por práticas de feitiçaria ou se resolviam em representações catárticas [...]. Volta e meia o etnólogo via

os mais jovens em abraços e jogos sexuais. Para evitar que os índios deitassem em sua rede, dizia a todos os que o procuravam com esse pedido que sua “mulher ficaria zangada” se soubesse. Não havia virgens na sua aldeia. Para afastar as mulheres que o visitavam, ameaçava estuprá-las, e elas logo fugiam, em geral às gargalhadas. Estava completamente só. (CARVALHO, B., 2006, p. 48-49)

A narrativa expõe o choque de Buell Quain provocado pelo contato com a cultura Trumai e mesmo uma possível aversão sua ao comportamento dos Trumai, que frequentemente compara aos modos daqueles que estudara anteriormente em Fiji. Apesar de trazer à tona certa presença e voz do “outro”, percebe-se que a narrativa se abre para uma representação objetificada do índio, na qual este é reduzido a um “objeto de estudo”, bem como representado como selvagem, feio e chato, desqualificando-se os Trumai, visto que, sobretudo, são associados à confusão e mentira. O conflito atravessa a ótica da personagem e se potencializa na figura do autor-narrador<sup>4</sup>, que consiste em um jornalista fazendo o trajeto de um antropólogo, não “etnografando”, mas boicotando uma possível encenação da etnografia. Pode-se notar essa relação de inquietação com os índios nos relatos do autor-narrador em sua estadia na aldeia dos Krahô, como vimos na citação acima. Sobre seu sentimento diante de uma possível relação com os índios e a confusão que esse sentimento instala, o autor-narrador assevera:

Não sou antropólogo e não tenho boa alma. Fiquei cheio. A partir de um dado momento, decidi que não responderia mais aos recados que me deixavam, pedindo que eu ligasse sem falta na noite seguinte. A culpa provocada por essa decisão também me irritou, mas menos do que me ameaçava a ideia de que de uma hora para outra pudessem bater à minha porta. Antes de sair da aldeia, diante da minha recusa em ser batizado, Gersila se aproximou de mim, entre ofendida e irônica, e me jogou na cara que eu era como todos os brancos, que os abandonaria, nunca mais voltaria à aldeia, nunca mais pensaria neles. Jurei que não. Estava apavorado com o que pudessem fazer comigo (nada além de me cobrir de penas e me dar um nome e uma família da que nunca mais poderia me desvencilhar). O meu medo era visível. Fiz um papel pífilo. E eles riram da minha covardia. Jurei que não me esqueceria deles. E os abandonei, como todos os brancos. (CARVALHO, B., 2006, p. 98)

Por um momento, instala-se um sentimento de confusão no autor-narrador, pois ele percebe o fato de os brancos irem até os índios e depois os abandonarem e, numa reflexão anterior, lembra-se do sofrimento deles com massacres e problemas na demarcação de suas terras, o que entra em conflito com o medo dos índios aparecerem ou ligarem, sendo este mais forte do que a culpa por deixá-los. O autor-narrador do romance se mostra, assim, ambíguo em relação ao contato com os Krahô, pois, apesar do medo e do desconforto que experimentara durante sua estadia

em terras indígenas, o narrador se afeiçoa aos índios, como podemos notar nesta passagem: “Se para mim, com todo o terror, foi difícil não me afeiçoar a eles em apenas três dias, fico pensando no que deve ter sentido Quain ao longo de quase cinco meses sozinho entre os Krahô” (CARVALHO, B., 2006, p. 96). Não se trata, portanto, de uma postura de indiferença ou ódio em relação aos índios, até porque o narrador traz preocupações sobre os massacres e reflexões sobre a escolha do Xingu – pois foi o que lhes sobrou (p. 64) –; trata-se, antes, de uma confusão de sentimentos.

No caso de Buell Quain, a dificuldade em estudar e lidar com os índios é mostrada, mais de uma vez, por meio das cartas: “Quain reclamava da dificuldade de trabalhar com os Krahô: ‘É muito difícil treinar nativos por aqui. A única forma de me impor a eles é ficando bravo, e então, por vinte e quatro horas, tenho todos os duzentos e dez deles aos meus pés, tentando desajeitadamente me satisfazer.’” (CARVALHO, B., 2006, p. 96). Em outra passagem: “Quain reclamava das dificuldades de trabalhar com os índios no Brasil: ‘Acredito que isso possa ser atribuído à natureza indisciplinada e invertebrada da própria cultura brasileira’”. (CARVALHO, B., 2006, p. 108). Desde a história do contato do Quain, etnólogo, com os índios, um contato que desencadeia uma tensão – e que se apresenta também no contato do autor-narrador com os indígenas –, é possível notar uma atenção com o discurso etnográfico. Sem contar as constantes citações e alusões a antropólogos, como Margareth Mead (p. 59), Lévi-Strauss (p. 27), Ruth Benedict (p. 13), Heloisa Alberto Torres (p. 13), William Lipkind (p. 14), Charles Wagley (p. 14), Ruth Landes (p. 14), Alfred Métraux (p. 19), Luiz de Castro Faria (p. 27), Edison Carneiro (p. 27), Franz Boas (p. 15)<sup>5</sup>. Recorrentemente, Bernardo Carvalho se volta para os assuntos dessa disciplina em entrevistas e textos de sua coluna na *Folha de São Paulo* e no blog *IMS*<sup>6</sup>. Destacam-se textos como “A pena do etnólogo” (2011), que discute a relação da antropologia com a literatura, e “Contra convenções – Leiris defende literatura como risco” (2004), no qual o autor escreve uma crítica ao livro *A idade viril*, de Michel Leiris, sugerindo que a autobiografia que expõe “até o osso” proporciona um risco à literatura.

Parece-nos que a posição do autor-narrador no romance *Nove noites* mostra-se confusa e ambígua, visto que transita entre preocupação e despreocupação etnográfica, como vemos no seguinte trecho, no qual sugere a ilusão de uma reflexão etnográfica sobre as relações de parentesco – abordagem comum em etnografia – entre os índios:

Na verdade, quase todos ali tinham laços de sangue. Aos poucos, fui descobrindo que a aldeia Nova era praticamente uma única família, que eram quase todos irmãos e irmãs, tios e sobrinhos, e que o parentesco simbólico, classificatório, em grande parte apenas maquiava relações, se não incestuosas, pelo menos muito viciadas. (CARVALHO, B., 2006, p. 87)

O princípio de etnografia é logo interrompido por uma negação do fazer antropológico sem nenhum marcador adversativo: “Não consegui entender nem os laços de sangue nem o parentesco simbólico entre os



membros da tribo. Era muito complicado, e meus objetivos não eram antropológicos” (CARVALHO, B., 2006, p. 87). Sendo assim, percebemos que há uma espécie de boicote à escrita etnográfica, pois o narrador quebra, frequentemente, a expectativa de uma possível investigação de aspectos da sociedade Krahô.

Na perspectiva de James Clifford, a textualização de uma cultura tende a desconsiderar uma “situação imediata discursiva ou performática” (CLIFFORD, 2014, p. 37). Destarte, compreende-se por essa situação o diálogo direto com o outro – o “discurso” na concepção de Benveniste, recuperada por James Clifford. Tal dimensão discursiva e performática, que tende a ser apagada na escrita etnográfica, alude à encenação e a “mentiras” no contato entre o etnógrafo e o informante. Na entrevista a Flávio Moura para a *Revista Trópico*, Bernardo Carvalho compara seu livro ao comportamento dos índios:

Tem mais um ponto a esse respeito. Você nunca sabe se os índios estão inventando ou dizendo a verdade. Não dá para confiar em nada. O cara te diz uma coisa hoje, depois é outra completamente diferente. É uma forma de narrar estranha, você não sabe se ele está querendo agradar, se está dizendo aquilo só porque acha que você quer ouvir. O fato é que você nunca sabe onde está pisando. De certa maneira, esse livro é uma literatura à maneira dos índios, pois mantém essa dúvida para o leitor. (CARVALHO, B., 20-- , s/n)

A instabilidade e a perturbação da verdade vistas pelos brancos no comportamento dos índios habitam a narrativa de *Nove noites*, de modo que essa perspectiva de “atuação” dos Krahô se desloca entre os posicionamentos do autor-narrador, do etnólogo Buell Quain e de Manoel Perna, principalmente este último. Em um dos fragmentos da carta-testemunho deixada ao fotógrafo, Manoel Perna, por meio de frases pouco esclarecedoras, considera a relatividade da noção de verdade: “*A verdade depende apenas da confiança de quem ouve*” (CARVALHO, B., 2006, p. 21). Essa frase representa um fio discursivo que permeia toda a narrativa. A verdade é tida como maleável, primeiramente na figura dos índios e depois também dos demais personagens. Não é algo irreduzível e único, depende de quem fala e da confiança de quem ouve na pessoa que fala. A noção de verdade, como objetiva e fixa, é o tempo todo abalada. O mais evidente se dá em relação aos índios, quando o narrador da carta em itálico diz que cada hora que você perguntar algo aos índios eles irão falar coisas diferentes, isto é, a verdade para eles não seria o que os ocidentais concebem como verdadeiro (CARVALHO, B., 2006, p. 6).

Por outro lado, também percebemos esse mesmo movimento perturbador do que se entende por verdadeiro nas palavras de Buell Quain. Por meio das cartas para a antropóloga Heloisa Alberto Torres, ele fala que está com uma doença contagiosa; para os índios, e outros, fala que sua angústia se deve a problemas familiares; em outro momento, também aos

índios, o antropólogo diz que sua mulher o traiu com seu irmão, mas, logo depois, Manoel Perna diz que não tinha irmão nenhum na história. Além disso, o boicote à verdade se apresenta na própria narrativa, em que o leitor tem contato com a carta/testamento de Manoel Perna, porém, ao final do trecho, descobrimos que o engenheiro não deixou testamento nenhum, fora tudo invenção do autor-narrador (CARVALHO, B., 2006, p. 120-121). Novamente, a noção de verdade é violada, faz-se inconstante, contribuindo também para a subversão de uma possível autoridade etnográfica que poderia se instalar no texto, mediante a figura do etnólogo. Outrossim, as impressões diferentes de Quain sobre o evento literário em homenagem ao escritor Humberto de Campos, em Carolina, apontam para esse efeito de boicote à verdade, pois, para dona Júlia, assistente de Heloisa Alberto Torres, ele escreve de forma positiva sobre o evento (CARVALHO, B., 2006, p. 25), enquanto que, para a amiga antropóloga Ruth Landes, fala num tom mais íntimo e evidencia fatores negativos (CARVALHO, B., 2006, p. 26). Essa peculiaridade auxilia na construção do mistério, o qual resulta inalcançável devido às muitas incertezas lançadas no enredo.

A partir do que foi refletido até aqui, pensamos que o comportamento dos índios seria uma metáfora para a noção de verdade da própria obra: “Como se não houvesse realidade” (CARVALHO, B., 2006, p. 103), como se tudo fosse ficção. Na visão de personagens como Quain e o próprio autor-narrador, não se pode esperar a verdade da boca dos índios; parece, contudo, que o leitor também não pode esperar da própria narrativa “a verdade”. Consideramos, dessa forma, que a representação dos índios aqui teria, antes, um caráter literário e metafórico que referencial.

Em *Os papéis do inglês*, no que se refere à antropologia, o autor-narrador assume postura quase inversa às dos narradores (o autor-narrador e Manoel Perna) e personagens (Buell Quain) de Bernardo Carvalho. O escritor angolano demonstra preocupações com a representação do “outro” e com a voz deste, bem como com a problemática do pensamento colonial enraizado nas etnografias ocidentais. Tal pensamento colonial é perceptível pela própria atitude do etnógrafo em interpretar outras sociedades a partir de si, de sua visão de mundo, compartilhando com seus pares o exótico desse “outro”, ou, ainda, quando um etnógrafo reduz o “outro” a apenas um objeto de estudo, promovendo certa reificação do indígena. Ruy Duarte de Carvalho, apesar de assumir também o papel do etnógrafo, vai além e busca pensar e viver com os pastores a partir de uma simetria<sup>7</sup> de posição, inclusive propondo-se a falar do mundo ocidental aos pastores: “E não terá chegado para mim, também, o tempo de pôr-me agora é a falar do mundo para pastores, em vez de andar a falar de pastores para o mundo?” (CARVALHO, R., 2010, p. 282).

A antropologia atravessa a narrativa de *Os papéis do inglês*, tanto pelo olhar do narrador antropólogo, transitando pelas paisagens conhecidas dos Kuvale, quanto pela presença de uma história da antropologia que conta com antropólogos ficcionalizados e citados – muitas vezes não há



como distinguir entre citação e ficção, como: James Frazer (p. 46), W. H. R. Rivers (p. 47, 51), Radcliff-Brown (p. 47, 48, 49, 51, 54, 55)<sup>8</sup>, Alfred Cort Haddon (p. 50, 51), que ganham traços de personagens; Durkheim (p. 48), Mary Douglas (p. 118), Malinowski (p. 51), Michel Leiris (p. 142), que são apenas citados.

Assim como *Nove noites*, o romance de Ruy Duarte de Carvalho encena não só a escrita de si, mas também a etnografia, pois expõe ao leitor certo estudo sobre os Kuvale. Em alguns momentos, por exemplo, o autor-narrador anuncia que coletará dados sobre determinado evento daquela cultura, como é possível notar na seguinte passagem que precede um relato e falas de um ritual Kuvale em torno do fogo: “A etnografia ia entrar em campo e convidei a amiga da sobrinha do meu primo Kaluter a gravar as conversas que eu ia promover dali para a frente.” (CARVALHO, R., 2006, p. 145). Entretanto, ao mesmo tempo que encena uma etnografia, boicota a própria etnografia em si, diferente do narrador da novela de Bernardo Carvalho, que a nega. O boicote em *Os papéis do inglês* se dá “quando digressões e divagações de diversas ordens fazem o argumento antropológico ser rapidamente deslocado e perdido de vista. Essas digressões fazem a subjetividade irromper no plano do discurso antropológico, relativizando-o em sua autoridade tradicional” (ORNELLAS, 2009, p. 197).

Observamos, além disso, que o narrador-etnográfico de *Os papéis do inglês* critica as relações de poder, pois Ruy Duarte de Carvalho parte de uma história aparentemente verídica, já contada por Henrique Galvão e Luiz Simões, e insere uma personagem na história, o Ganguela do Coice, o qual seria avô de Paulino, o amigo assistente. O Ganguela do Coice possui certo protagonismo, sendo parceiro e ajudante de Perkins durante sua estadia naquele local – hoje território da Zâmbia. O Ganguela se torna central na trama, já que os papéis do inglês procurados pelo autor-narrador foram por ele guardados. Sendo assim, *Os papéis do inglês* reformula uma história colonial, molda uma nova perspectiva para a crônica do branco que odiava as brancas, bem como evidencia realidades ignoradas.

Ruy Duarte de Carvalho – não só em *Os papéis do inglês*, já que essa temática é recorrente em praticamente todas as suas obras, em vista de sua formação e experiência como antropólogo – busca uma aproximação com as sociedades estudadas e trabalhadas narrativamente. Para entender melhor essa aproximação, e até mesmo a figura de Paulino, seu assistente<sup>9</sup>, é necessário recorrer ao livro *Vou lá visitar pastores* (1999), que, inclusive, é citado no primeiro volume da trilogia *Os filhos de Próspero*. Este livro consiste num relato etnográfico, com traços ficcionais, da sociedade Kuvale, pastores de gado que habitam o sudoeste de Angola e vivem da transumância (prática da atividade pastoril em equilíbrio com o regime das secas e das chuvas). Há, em *Vou lá visitar pastores*, a menção a gravações em fitas cassetes deixadas pelo narrador para serem encontradas pelo destinatário, o amigo jornalista da BBC, Felipe; porém, este se atrasa e, por fim, não aparece. O livro se apresenta, então, como a transcrição de tais gravações. O

que atravessa esta obra, em termos de interesse e motivação etnográficos, é a singularidade de como essa sociedade de pastores resistiu a tanta pressão em se ocidentalizar, o que chama bastante a atenção do autor, principalmente de como os pastores conseguiram se reabilitar depois da guerra de 1940/41, conhecida como guerra dos Mucubais<sup>10</sup>, e das doenças que recaíram sobre eles e sobre o gado, sua principal forma de sustento<sup>11</sup>. Segundo Ruy Duarte de Carvalho, sociedades como a dos Kuvale, que permanecem na África e não assumem “sinais de progresso”, causam um incômodo:

Sociedades como essa são por todo o Mundo estrategicamente ignoradas, olhadas de longe, apenas porque assim talvez se revelem mais inócuas enquanto aberrações, anacronismos, descuidos da história que a história se encarregará de resolver, integrando, na melhor das hipóteses e se não houver resistência, ou aniquilando, dominando, dissolvendo, igualizando e anulando, por fim. (CARVALHO, R., 2000, p. 27)

*Vou lá visitar pastores* consiste, portanto, em uma espécie de etnografia dos Kuvale, que aborda desde aspectos históricos dessa sociedade, como as guerras coloniais, de independência e de pós-independência de Angola, até aspectos do presente, destacando-se os preconceitos de que este povo ainda é vítima. Traçando caminhos literários e etnográficos, Ruy Duarte de Carvalho mergulha na cultura dos pastores com evidentes colocações de si e suas experiências na narrativa/relato.

Na palestra “Literatura e antropologia: possíveis interferências” (2004), ministrada na USP e disponibilizada pela instituição Casa das Áfricas, Ruy Duarte de Carvalho, ao falar sobre as relações fronteiriças entre literatura e etnografia, afirma que esta precisa de um toque literário, caso contrário, seria uma autópsia de grupos sociais, alcunhando o elemento poético e literário nos textos dos etnógrafos de “tentação estética”; ainda acrescenta que é preciso ter certo “colorido”. Assim, como venho propondo, o autor angolano entende que a fronteira entre essas duas áreas do conhecimento é difícil de se estabelecer, pois ao mesmo tempo que a etnografia apresenta essa “tentação estética”, ela, como ciência, não pode ser construída apenas a partir de invenções.

Dessas interferências entre etnografia e literatura, surge a colocação de si. A pesquisadora Sonia Miceli (2011) destaca que, na escrita de Ruy Duarte de Carvalho, o autor-narrador se conta, *autocolocando-se*, como já mencionado, considerando que a autocolocação consiste em um impulso do sujeito ficcional em estar num determinado lugar no espaço, além das experiências dialógicas que surgem naquele espaço (MICELI, 2011, p. 81). A autora chega a afirmar (p. 81) que a autocolocação nas narrativas de Ruy Duarte de Carvalho são forças motrizes da narrativa. Percebe-se, dessa maneira, a importância desse fator para estudar suas obras, assim como da relação dialógica, o que se estende, em nosso estudo, a *Nove noites*, pois os autores-narradores de *Os papéis do inglês* e *Nove noites* se autocolocam a

partir de um contato com o “outro”, o que configura, em ambos os casos, o narrador-etnográfico. Esses fatores, de certa forma, contribuem para a representação dos pastores e dos índios nas narrativas. Em *Nove noites*, como desconforto e tensão do narrador-personagem em contato com os Trumai; já em *Os papéis do inglês*, o “outro” se configura como uma voz em situação de interlocução, aspecto evidenciado pela presença do “outro” como personagens e agentes da história, inseridos, até mesmo, em um dos títulos da obra, o “Ganguela do Coice”. Sobre essa forma gráfica de delimitar o “outro” que viemos utilizando (ou seja, entre aspas), torna-se relevante consultar o texto “Tempo de ouvir o *outro* enquanto o ‘outro’ existe, antes que haja só o “outro”... ou pré-manifesto neo-animista” (2008), em que Ruy Duarte de Carvalho define três diferentes tipos de outros. O primeiro é o *outro*, em itálico, que remete à ex-metrópole, aos descendentes de ex-colonizados que fazem parte das populações nacionais dessas ex-metrópoles. Por causa do fenótipo e da cultura, distinguem-se da massa dominante. A segunda definição é o ‘outro’, entre apóstrofos, pertencente ao grupo do ex-colonizado ocidentalizado, com o qual o Ocidente lida nas ex-colônias. Por último, há o “outro” propriamente dito, entre aspas. Este integra o grupo que mantém usos, práticas e comportamentos pouco ocidentalizados, isto é, eles não estão inseridos no modo de vida ocidental. Esse último grupo, o “outro”, é o que desperta o interesse do escritor, entre outras coisas, por ser alvo de pressão ocidentalizante.

*Os papéis do inglês* e *Nove noites* possuem narradores-etnográficos que se percebem nessa encruzilhada de representação do “outro”, em narrativas que incorporam outra característica da etnografia que é a experiência da viagem. Miceli (2016), em sua tese de doutorado, aproxima romances de Ruy Duarte de Carvalho e de Bernardo Carvalho, evidenciando o caráter epistolar dos mesmos e associando a escrita epistolar e diarística ao relato de viagem. Tratando da experiência etnográfica por um viés de relação com o espaço e com o “outro”, é possível pensar que a forma epistolar presente nas obras evidencia essas situações de experiências dialógicas em determinados espaços. Os romances aqui estudados parecem aderir ao movimento de pensar a escrita – literária e etnográfica – e a posição do etnógrafo, recorrendo, ambos, à encenação da própria elaboração narrativa, à cena do *work in progress* ou à ficção da ficção.

O híbrido entre romance e etnografia atravessa as obras desencadeando efeitos de representação da relação “eu-outro” por meio de mecanismos como a encenação e o boicote do fazer etnográfico, além do pacto ambíguo de leitura que a própria etnografia já sugere. Tal hibridação supõe constante atravessamento das fronteiras entre ciência e literatura, como bem coloca o antropólogo Miguel Vale de Almeida (2008), ao abordar a “impureza” da obra de Ruy Duarte de Carvalho:

É justamente a “impureza” da obra de Ruy Duarte, o seu não privilegiar de uma autoidentificação enquanto antropólogo, a sua fidelidade à autoria literária, que nos permite – a leito-

res vindos da antropologia como eu – reencontrar a sanidade e assim ver com caleidoscópica clareza a complexidade dos trânsitos culturais em que vivemos. Da obra de Ruy Duarte não transparece a ferida a que aludi. Quem se assume na multiplicidade de gêneros e vozes, na hibridez, e no tráfico e trânsito, transcende os próprios termos em que a questão é colocada. A autoria – despida da autoridade da hiperdefinição literária ou antropológica – é, afinal de contas, o que evita a ferida. (ALMEIDA, 2008, s/n)

As narrativas de Bernardo Carvalho e Ruy Duarte de Carvalho analisadas aqui, em suma, são ficções informadas pelo entrecruzamento entre literatura e antropologia, pelo contato com e conseqüente representação do “outro”, permitindo o surgimento de um narrador-etnográfico problemático. Este, num primeiro momento, aparenta debruçar-se sobre procedimentos da etnografia, como a apreensão de características e comportamentos das sociedades Kuvale e Krahô; todavia, logo carrega problemas, pois os autores-narradores apenas encenam tais processos para imediatamente os negarem (como ocorre com o autor-narrador de *Nove noites* ao recusar a etnografia e ao evidenciar as tensões presentes no contato “etnógrafo-etnografado”) ou boicotarem (como em *Os papéis do inglês*, por meio das constantes digressões intercaladas nas narrativas e encenações de relatos etnográficos imbuídas de ironia). Sendo assim, ao mesmo tempo que a etnografia é encenada nas obras de Bernardo Carvalho e Ruy Duarte de Carvalho, é, paradoxalmente, negada ou boicotada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Miguel Vale de. “Antropologia e literatura: a propósito e por causa de Ruy Duarte de Carvalho”. *Jornal do ciclo Ruy Duarte de Carvalho*, Centro Cultural de Belém, fev. 2008. Disponível em <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/antropologia-e-literatura-a-proposito-e-por-causa-de-ruy-duarte-de-carvalho>. Acesso em 15 nov. 2018.

CARVALHO, Bernardo. *Nove noites*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. “A pena do etnólogo”. *Folha de São Paulo*, 09 jan. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il0901201105.htm>. Acesso em: 03 nov. 2017

\_\_\_\_\_. “A trama traiçoeira de *Nove noites*”. *Revista Trópico*. Entrevista concedida a Flavio Moura, [20--]. Disponível em: <http://www.revista-tropico.com.br/tropico/html/textos/1586,1.shl>. Acesso em: 10 de jan. 2018.

CARVALHO, Ruy Duarte de. *Vou lá visitar pastores*. Lisboa: Edições Cotovia, Lda, 2000.

\_\_\_\_\_. *Literatura e antropologia: possíveis interferências*. Palestra

organizada pela *Casa das Áfricas*, São Paulo: USP, 2004. Disponível em: <http://www.dailymotion.com/video/xesz3v>. Acesso em: 05 dez. 2017

\_\_\_\_\_. *Os papéis do inglês*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Tempo de ouvir o 'outro' enquanto o "outro" existe, antes que haja só o outro... ou pré- manifesto neo-animista in Podemos viver sem o outro?*. Tinta da China/Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

\_\_\_\_\_. *Desmedida – Luanda – São Paulo – São Francisco e volta*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2010.

CHAVES, Rita. “A desmedida de Ruy Duarte de Carvalho: a viagem como síntese e invenção”. In: *Nação e Narrativa pós-colonial I – ensaio*. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica – Antropologia e literatura no século XX*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2014.

\_\_\_\_\_; MARCUS, George (orgs). *A escrita da cultura: poética e política da etnografia*. Trad. Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: EdUERJ. Papéis Selvagens Edições, 2016.

GALVÃO, Henrique. “O branco que odiava as brancas”. In: *Em terra de pretos*. Lisboa: Aillaud & Bertrand, 1929.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. 2ª ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KUPER, Adam. *Antropólogos e antropologia*. Trad. Álvaro Cabral. Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1978.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MICELI, Sonia. *Contar para vivê-lo, viver para cumpri-lo: autocolocação e construção do livro na trilogia ficcional de Ruy Duarte de Carvalho*. Dissertação de mestrado defendida na Universidade de Lisboa, 2011; orientação de Clara Rowland.

\_\_\_\_\_. *De cartas e mapas: Livro, viagem e paisagem em Bernardo de Carvalho e Ruy Duarte de Carvalho*. [Tese de doutorado. Orientação: Clara Maria Abreu Rowland e Gustavo Maximiliano Florêncio Rubim.] Lisboa: Universidade de Lisboa, 2016.

ORNELLAS, Sandro. “Ruy Duarte de Carvalho em transumância pelos discursos”. *Revista Eutomia* Ano II – nº 3, v. 1, jul. 2009.

*Recebido para publicação em 29/05/2018*

*Aprovado em 04/08/2018*

## NOTAS

1 Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade na PUC-Rio. Mestra em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Graduada em Letras Português-Literaturas pela UFF. E-mail: jcalvernaz@id.uff.br

2 Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas e Professora Adjunta em Teoria da Literatura junto ao Departamento de Ciências da Linguagem da UFF. E-mail: anitamoraes@id.uff.br.

3 Em nosso artigo, optamos pelo termo “etnógrafo/etnografia”, pois consiste em um “registro descritivo de sociedades” (KUPER, 1978, p.12), remetendo à situação de escrita (nosso foco). No entanto, ao se referir ao antropólogo Buell Quain, usaremos o vocábulo “etnólogo”, visto que Bernardo Carvalho adota esse termo em *Nove noites*.

4 Vale ressaltar que chamamos o narrador de *Nove noites* de “autor-narrador” não por ser o próprio Bernardo Carvalho, pessoa empírica, mas porque o narrador, além de ser um personagem, também é criador de uma história, visto que reorganiza e inventa eventos que compõem a trajetória de Buell Quain. Portanto, o narrador é o autor da história de Buell Quain.

5 Aludimos apenas às primeiras páginas em que tais menções surgem no romance; a maior parte destes antropólogos é referida de modo recorrente no livro, como é o caso, especialmente, de Heloisa Alberto Torres.

6 Blog do Instituto Moreira Salles, organização e centro cultural sem fins lucrativos que disponibiliza acervos na área de fotografia, literatura, iconografia, artes plásticas, música e cinema. Disponível no link: <https://blogdoims.com.br/>.

7 Refiro-me à simetria apresentada por Bruno Latour em *Jamais fomos modernos* (1991), sugerindo que o antropólogo pense de forma simétrica, isto é, estude e pesquise as diferentes sociedades, inclusive a dele mesmo, nos mesmos termos.

8 No romance de Ruy Duarte de Carvalho, a grafia de Radcliff-Brown é com f mudo. Diferente do nome real do antropólogo, que se grafava com “e”.

9 “Auxiliar que a delegação provincial da Cultura me dispensa e me acompanha já faz muito tempo” (CARVALHO, R., 2000, p. 16).

10 “Foi uma guerra que arrancou tudo, gado e gente, e por isso é referida como a guerra de *Kakombola*: *kakombola* é arrancar uma coisa, arrancar tudo, não deixar nada. Morreu muita pessoa.” (CARVALHO, R., 2000, p. 79)

11 “[...] terão sido as epizotias que iriam assolar toda a região pastoril austral e das quais a febre aftosa também não terá seriamente afectado no fim do séc. XIX, e foram finalmente as rusgas e batidas coloniais até acção final, a de 1941. Cem anos em que a sua sobrevivência os terá constantemente obrigado a lutar, no sentido literal do termo, e a resistir para tentar recuperar ou repor os seus rebanhos, permanentemente atingidos.” (CARVALHO, R., 2000, p. 53-54)